



LITERATURA INFANTOJUVENIL COMO MECANISMO DE APOIO AO DESENVOLVIMENTO DAS HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS DAS CRIANÇAS

Rafaela Regina Ghessi-Arroyo¹

Amanda dos Anjos Cerquini²

Resumo:

Este trabalho tem como objetivo analisar de que forma a literatura infantojuvenil pode atuar como recurso pedagógico eficaz no desenvolvimento das habilidades socioemocionais na educação infantil, ampliando sua compreensão para além do ato mecânico de ler e interpretar. A literatura, ao apresentar narrativas que exploram emoções humanas, conflitos, vínculos sociais, desafios e diferentes possibilidades de resolução, oferece às crianças um espaço simbólico seguro para vivenciar, refletir e reelaborar situações similares às enfrentadas em seu cotidiano. Dessa forma, as obras literárias contribuem para o desenvolvimento de competências como empatia, auto regulação emocional, criatividade, resiliência, cooperação e autonomia, elementos fundamentais para o desenvolvimento integral preconizado pelas políticas educacionais atuais. A fundamentação teórica desta pesquisa se baseia em autores como Coelho (2000), que compreende a literatura como fenômeno humanizador; Vygotsky (2001), que destaca a aprendizagem mediada e a importância das interações simbólicas; Bruner (2001), que evidencia o papel das narrativas na formação

¹ Doutora em Estudos Linguísticos (UNESP/IBILCE). Docente no Centro Universitário UNIFAFIBE – Bebedouro, SP.

² Discente do curso de Pedagogia no Centro Universitário UNIFAFIBE- Bebedouro, SP.



da subjetividade e no fortalecimento da linguagem; e Candido (1995), para quem a literatura é direito humano por estimular a compreensão crítica do mundo. Apesar disso, observa-se que, na prática escolar, o potencial formativo da literatura muitas vezes é reduzido a exercícios técnicos e instrumentais, limitando sua função estética, emocional e cultural. Nesse sentido, este estudo propõe investigar de que forma a literatura infantojuvenil pode ser inserida de maneira mais intencional, dialógica e significativa no cotidiano escolar, considerando as orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que reforça a importância do desenvolvimento integral da criança nas dimensões cognitiva, social e emocional. Adotando abordagem qualitativa, fundamentada em revisão bibliográfica, busca-se identificar estratégias pedagógicas que fortaleçam a mediação sensível do professor, ampliem o sentido da leitura literária e promovam práticas educativas mais humanizadas, acolhedoras e coerentes com as necessidades contemporâneas da educação infantil.

Palavras-chave: Literatura Infantojuvenil; Habilidades Socioemocionais; Educação Infantil; Práticas Pedagógicas.

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento das habilidades socioemocionais é essencial para a formação integral das crianças, pois influencia sua capacidade de lidar com emoções, interagir socialmente e enfrentar desafios ao longo da vida. Nesse contexto, a literatura infantojuvenil surge como um recurso pedagógico poderoso, capaz de promover a empatia, a autorregulação emocional, a resiliência e a cooperação, ao proporcionar experiências significativas e reflexivas por meio das narrativas. Tal recurso permite que as crianças se envolvam emocionalmente com as histórias, identificando-se com personagens, compreendendo diferentes perspectivas e refletindo sobre



situações da vida real de maneira simbólica e acessível. De acordo com Coelho (2000), a literatura infantil exerce um papel fundamental na formação da subjetividade da criança, contribuindo para o desenvolvimento de sua sensibilidade, imaginação e compreensão do mundo.

Ao entrar em contato com narrativas que abordam emoções, desafios e interações sociais, as crianças desenvolvem habilidades como empatia, resiliência e autorregulação emocional. Vygotsky (2001) destaca que o desenvolvimento da criança ocorre por meio da mediação cultural e da interação com o outro, e a literatura desempenha um papel crucial nesse processo, pois oferece modelos de comportamento e estimula a internalização de valores sociais.

Além disso, a leitura literária permite que a criança vivencie diferentes realidades de forma simbólica, o que, segundo Bruner (2001), contribui para a construção do pensamento narrativo – um aspecto essencial para a organização das emoções e para a compreensão do mundo social. Dessa forma, a literatura infantojuvenil não apenas estimula o aprendizado cognitivo, mas também promove um crescimento emocional e social significativo, preparando os indivíduos para lidar com desafios e estabelecer relações saudáveis ao longo da vida.

Apesar do potencial da literatura infantojuvenil para o desenvolvimento das habilidades socioemocionais, seu uso nas práticas pedagógicas ainda é subutilizado. Muitas abordagens escolares se concentram na decodificação textual e na interpretação literal, deixando em segundo plano as reflexões subjetivas e emocionais que as narrativas podem proporcionar. Essa limitação decorre, em grande parte, da prevalência de um ensino tradicional, no qual a leitura é frequentemente utilizada apenas como ferramenta para o aprendizado da gramática e da ortografia, sem uma exploração mais profunda dos significados simbólicos e das experiências emocionais presentes nos textos.



De acordo com Candido (1995), a literatura tem uma função humanizadora, pois possibilita ao leitor experimentar diferentes perspectivas e desenvolver uma maior compreensão de si mesmo e dos outros. No entanto, quando o ensino literário se restringe à análise técnica do texto, sem considerar sua dimensão subjetiva, perde-se a oportunidade de estimular a empatia, a resiliência e a autorregulação emocional nos alunos.

Além disso, Coelho (2000) ressalta que a literatura infantil e juvenil não apenas reflete os sentimentos e desafios da infância, mas também os ressignifica, oferecendo caminhos para que as crianças elaborem suas emoções e compreendam melhor o mundo ao seu redor. No entanto, para que esse potencial seja plenamente aproveitado, é essencial que os professores adotem abordagens pedagógicas que incentivem a leitura dialógica, permitindo que os alunos expressem suas emoções, compartilhem experiências e estabeleçam conexões entre as histórias e suas próprias vivências.

Diante desse cenário, este estudo busca investigar de que forma a literatura infantojuvenil pode ser utilizada como um mecanismo de apoio ao desenvolvimento das habilidades socioemocionais na educação infantil, contribuindo para a formação de indivíduos mais preparados para os desafios da vida em sociedade. Nesse sentido, esta pesquisa pretende analisar como a literatura infantojuvenil pode ser incorporada às práticas pedagógicas da educação infantil para fortalecer o desenvolvimento das habilidades socioemocionais, destacando estratégias eficazes e os impactos dessa abordagem no desenvolvimento integral das crianças.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reconhece a importância das competências socioemocionais na formação dos estudantes, ressaltando que a escola deve promover não apenas o aprendizado acadêmico, mas também o desenvolvimento integral do aluno. A literatura infantojuvenil, ao apresentar narrativas ricas em diversidade emocional e social, pode atuar



como uma ponte para que as crianças compreendam melhor suas próprias emoções e as dos outros. Ademais, o ato de ler e discutir histórias pode proporcionar espaços de reflexão e diálogo sobre situações cotidianas, favorecendo a aprendizagem por meio da experiência indireta. Assim, investigar o potencial da literatura infantojuvenil como ferramenta para o desenvolvimento socioemocional pode contribuir para práticas pedagógicas mais inovadoras e alinhadas às necessidades contemporâneas da educação.

1. Desenvolvimento Infantil e as Competências Socioemocionais na Perspectiva da BNCC

O desenvolvimento infantil constitui um processo contínuo e dinâmico, caracterizado por transformações físicas, cognitivas, emocionais e sociais que se entrelaçam e se influenciam mutuamente. Desde o nascimento, a criança passa por mudanças significativas que possibilitam sua adaptação e interação com o meio, construindo progressivamente sua identidade e autonomia. Cada dimensão do desenvolvimento — física, cognitiva, emocional e social — possui importância singular, mas todas se articulam de forma interdependente, sendo indispensável compreendê-las em sua totalidade para promover uma educação integral.

No campo cognitivo, a criança aprimora sua capacidade de pensar, aprender e elaborar raciocínios. Essas habilidades dependem de estímulos adequados e experiências significativas, fundamentais para a aprendizagem escolar e para a construção de relações sociais. Piaget (1972) destaca que o desenvolvimento cognitivo se organiza em estágios progressivos, nos quais a criança estrutura esquemas mentais cada vez mais complexos. Já Vygotsky (1998) enfatiza o papel determinante do meio sociocultural nesse processo, defendendo que o aprendizado se dá nas interações sociais mediadas pela linguagem e pela cultura.



O desenvolvimento físico, por sua vez, envolve transformações no organismo que ampliam a autonomia e a capacidade de exploração do ambiente. A aquisição de habilidades motoras finas e amplas permite que a criança descubra o mundo e expanda sua relação com o espaço e com o outro. Complementarmente, o desenvolvimento socioemocional possibilita que a criança reconheça e lide com suas emoções, estabelecendo vínculos afetivos e construindo o autoconhecimento. Por meio das interações com familiares, colegas e educadores, desenvolvem-se competências essenciais à vida em sociedade, como empatia, respeito, cooperação e solidariedade.

Dessa forma, a infância representa um período decisivo para a formação integral do indivíduo, exigindo experiências educativas que contemplem de forma equilibrada todas as dimensões do ser humano. O desenvolvimento infantil, em sua abordagem integral, ultrapassa a mera aquisição de conteúdos cognitivos e inclui, de modo essencial, a construção das competências socioemocionais. Essas habilidades são fundamentais para o bem-estar e adaptação da criança no contexto social, permitindo que compreenda a si mesma, regule suas emoções e estabeleça interações construtivas.

Segundo Vygotsky (1991), o desenvolvimento psicológico superior emerge das interações sociais, por meio da internalização de valores, regras e comportamentos que moldam a formação do sujeito. Nesse sentido, a infância é um período crítico para a consolidação das competências socioemocionais, que servirão de base para a vida adulta. Dentre essas habilidades, a empatia destaca-se como a capacidade de reconhecer e compartilhar os sentimentos do outro. Hoffman (2000) a define como um fator essencial para o desenvolvimento moral e para o fortalecimento das relações interpessoais, promovendo o respeito mútuo e a compaixão.

Outra habilidade central é a autorregulação emocional, entendida por Goleman (1995) como a capacidade de administrar impulsos e reações



emocionais de forma construtiva. Essa competência se manifesta, por exemplo, quando a criança consegue se acalmar diante de uma frustração, demonstrando maturidade emocional e favorecendo a convivência pacífica. A cooperação também exerce papel importante na construção da moralidade. Para Piaget (1977), essa capacidade se desenvolve por meio das relações de reciprocidade, nas quais a criança aprende a respeitar normas e opiniões, superando seu egocentrismo. Complementarmente, a resiliência, conceito trabalhado por Cyrulnik (2004), diz respeito à capacidade de enfrentar e se adaptar a situações adversas, transformando desafios em oportunidades de aprendizado.

A importância dessas competências é reconhecida em documentos oficiais da educação brasileira. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) apresenta as habilidades socioemocionais como um dos eixos centrais da formação humana, atribuindo-lhes o mesmo valor das aprendizagens cognitivas tradicionais. A BNCC defende que a escola deve preparar o indivíduo para a vida em sociedade, estimulando o desenvolvimento integral e não apenas a formação técnica ou profissional.

Na Educação Infantil, essas competências são trabalhadas de forma lúdica, especialmente nos campos de experiências propostos pela BNCC. Brincadeiras, interações e explorações do ambiente permitem à criança expressar sentimentos, lidar com emoções e respeitar a individualidade do outro. O foco está no reconhecimento e na nomeação das emoções — como alegria, raiva e tristeza —, na construção da identidade e na capacidade de conviver positivamente com as pessoas. É nessa fase que se formam as bases da autorregulação emocional e da empatia.

No Ensino Fundamental, as habilidades socioemocionais são integradas intencionalmente às diferentes áreas do conhecimento. Projetos e atividades escolares passam a promover o trabalho em equipe, o diálogo e o pensamento crítico. Um projeto de Ciências, por exemplo, pode abordar



conteúdos conceituais e, simultaneamente, desenvolver atitudes de colaboração e respeito. Assim, o aprendizado torna-se mais significativo, unindo aspectos cognitivos, emocionais e sociais.

A perspectiva sociocultural de Vygotsky (1998) reforça essa integração ao destacar que o desenvolvimento ocorre nas relações entre sujeitos e no contexto cultural em que estão inseridos. A noção de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) descreve o intervalo entre o que a criança é capaz de realizar sozinha e o que consegue fazer com o auxílio de um adulto ou de pares mais experientes. Essa mediação possibilita avanços cognitivos e emocionais, promovendo aprendizagens significativas. A linguagem, para o autor, assume papel central, pois é por meio dela que a criança comunica, organiza o pensamento e constrói sua consciência.

O papel do outro, portanto, é imprescindível. Pais, professores e colegas são mediadores das aprendizagens, ajudando a criança a desenvolver estratégias de autorregulação e empatia. Ao apoiar uma criança frustrada, por exemplo, o adulto não apenas resolve uma situação imediata, mas ensina a lidar com as próprias emoções — um aprendizado essencial para a vida em sociedade. Assim, sob a ótica vygotskyana, o desenvolvimento das habilidades sociais e emocionais resulta de um processo dialógico e cultural, no qual a criança se constitui como sujeito histórico e social.

A BNCC, ao adotar a formação integral como princípio, reafirma que o aprendizado deve envolver as dimensões física, cognitiva, social, emocional e cultural. Entre as dez competências gerais previstas no documento, destacam-se a empatia e o pensamento crítico-criativo, ambas diretamente relacionadas ao desenvolvimento socioemocional. Essas competências incentivam os estudantes a reconhecerem suas emoções, colocarem-se no lugar do outro e resolverem problemas de maneira ética e colaborativa.



Conclui-se, portanto, que o desenvolvimento infantil e o aprimoramento das competências socioemocionais são processos interdependentes e fundamentais para a formação plena do sujeito. A escola, como espaço de convivência e mediação, assume papel essencial ao criar condições para que as crianças aprendam a lidar com suas emoções, construam vínculos saudáveis e se tornem indivíduos autônomos, empáticos e responsáveis. Investir no desenvolvimento socioemocional desde a infância é investir em uma sociedade mais justa, colaborativa e humana, pois, como defende Goleman (1995), a inteligência emocional é tão determinante para o sucesso e o bem-estar quanto as habilidades cognitivas.

2. A Literatura Infantojuvenil como Ferramenta de Formação Humana

A literatura infantojuvenil exerce papel essencial na formação da subjetividade infantil, constituindo-se como um espaço simbólico de expressão, imaginação e descoberta de si e do mundo. Por meio das narrativas, a criança desenvolve sua sensibilidade, amplia o repertório cultural e aprende a compreender as emoções, as relações humanas e os valores que estruturam a vida em sociedade. O contato com obras literárias desde a infância contribui para a construção do pensamento crítico e do senso ético, além de favorecer o desenvolvimento emocional e social. Assim, a literatura não se limita ao entretenimento, mas constitui uma ferramenta formadora e humanizadora, capaz de transformar o olhar da criança sobre a realidade.

A literatura, especialmente na infância, cumpre uma função simbólica e imaginativa de grande relevância para o desenvolvimento humano. Ao entrar em contato com histórias, a criança adentra o universo da representação, no qual a linguagem literária atua como mediadora entre o



real e o imaginário. Coelho (2000) destaca que a literatura infantil é um espaço de resignificação da experiência da infância, pois permite que a criança elabore simbolicamente suas emoções, medos e desejos, transformando-os em compreensão e expressão. A narrativa literária, portanto, funciona como espelho e como janela: espelho porque reflete a experiência humana e janela porque abre caminhos para novas possibilidades de ser e sentir.

A imaginação e a fantasia ocupam papel central nesse processo. Através delas, a criança interpreta o mundo de forma criativa, experimentando papéis, situações e dilemas que estimulam o pensamento simbólico e o desenvolvimento da linguagem. A literatura oferece, assim, um território de liberdade no qual o real e o imaginário se entrelaçam, proporcionando à criança a oportunidade de compreender o mundo a partir de metáforas e representações simbólicas. Esse exercício de imaginação é, ao mesmo tempo, cognitivo e afetivo, pois permite a expressão de sentimentos e a construção de significados pessoais.

A literatura infantojuvenil constitui um meio privilegiado para a expressão das emoções. As histórias funcionam como um canal de comunicação entre o mundo interior da criança e o universo social que a cerca. Ao ouvir ou ler uma narrativa, a criança projeta suas angústias, alegrias e dúvidas nos personagens e nas situações descritas, encontrando nelas formas simbólicas para nomear e compreender o que sente. Dessa maneira, a literatura atua como uma espécie de mediadora emocional, ajudando a criança a desenvolver recursos internos para lidar com experiências e conflitos. Segundo Bettelheim (2002, p.06):

Quando mais tentei entender a razão destas estórias terem tanto êxito no enriquecimento da vida interior da criança, tanto mais percebi que estes contos, num sentido bem mais profundo do que outros tipos de leitura, começam onde a criança realmente se encontra no seu ser psicológico e



emocional. Falam de suas pressões internas graves de um modo que ela inconscientemente compreende e – sem menosprezar as lutas interiores mais sérias que o crescimento pressupõe – oferecem 24 exemplos tanto de soluções temporárias quanto permanentes para dificuldades prementes.

Além disso, o contato com diferentes linguagens literárias estimula a sensibilidade estética e amplia o vocabulário afetivo, favorecendo o reconhecimento e a nomeação das emoções. Essa experiência estética contribui para a formação do eu, na medida em que a criança aprende a interpretar o mundo e a si mesma a partir de símbolos, imagens e metáforas. Abramovich (1991, p.143) aborda que:

Ao ler uma história, a criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar...pode se sentir inquieta, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião.

A literatura é um dos instrumentos mais potentes na formação da subjetividade, pois permite à criança construir uma visão própria de mundo. Coelho (2000) ressalta que a literatura infantil, ao retratar o universo da infância, também o ressignifica, oferecendo à criança um espaço de identificação e criação. Nessa perspectiva, as narrativas funcionam como espelhos simbólicos da experiência humana, nos quais a criança reconhece fragmentos de sua própria vivência e, simultaneamente, amplia sua compreensão da realidade.

Antonio Candido (1995) também compreende a literatura como uma experiência humanizadora. Para ele, a leitura desperta a sensibilidade ética e estética, permitindo que o indivíduo desenvolva empatia, consciência social e reflexão sobre o outro. Ao colocar o leitor em contato com a diversidade da condição humana, a literatura possibilita compreender o sofrimento, a alegria e o destino coletivo, exercendo uma função social e moral indispensável. Assim, o ato de ler se converte em exercício de



humanidade, um processo de educação do sensível que ultrapassa a mera instrução.

Bruner (2001) propõe o conceito de “pensamento narrativo” como uma forma essencial de organização da experiência humana. Para o autor, as histórias não apenas entretêm, mas estruturam a maneira como compreendemos o mundo e a nós mesmos. Através da narrativa, a criança aprende a ordenar o tempo, a atribuir sentido aos acontecimentos e a reconhecer emoções e intenções nos personagens. Essa capacidade de narrar e compreender histórias é, portanto, fundamental para a construção do eu, pois organiza a experiência subjetiva e emocional em um enredo coerente.

As narrativas literárias, ao representarem situações universais como o medo, a perda, o amor e a superação, permitem que a criança reflita sobre sua própria trajetória e desenvolva mecanismos de autocompreensão. Nesse sentido, a literatura atua como uma ferramenta psicológica e simbólica que favorece a constituição da identidade. A criança que lê ou ouve histórias aprende a se colocar como sujeito de sua própria narrativa, elaborando suas emoções e compreendendo seu papel no mundo. Mesquita (2021) em seu trabalho dá o exemplo sobre questões relacionadas ao bullying, muito recorrente nas escolas, em que as diferenças não são respeitadas, portanto, diversas crianças sofrem, ficam mais reclusas, tendo dificuldades de socialização, de participar de algumas atividades propostas, não conseguem expor facilmente o que estão passando, ou seja, uma dificuldade de se comunicar, falar sobre os seus sentimentos e dores. Para a autora:

Nesse caso, podemos trazer para contação a história do Patinho feio (que era desprezado por sua aparência) e trabalhar com as crianças questões como: O que seria o feio? O que seria o belo? Mostrar para as mesmas que todos nós somos diferentes, que cada um tem uma aparência e jeito de ser e isso é muito bom. E que todos merecemos respeito e devemos



respeitar o outro, respeitar toda e qualquer diferença. Á partir dessa história o (a) professor (a) pode trabalhar a identidade dos seus alunos, a aceitação e o autoconhecimento (Mesquita, 202, p. 21)

A literatura, portanto, surge como um meio simbólico capaz de dar voz a essas vivências silenciadas, favorecendo a comunicação, o autoconhecimento e a empatia. Ao identificar-se com personagens e histórias que abordam conflitos semelhantes, a criança encontra espaço para reconhecer e elaborar suas experiências, transformando a leitura em um processo de cura e reconstrução subjetiva. Essa vivência simbólica possibilita lidar com sentimentos complexos, como medo, raiva e tristeza, em um espaço seguro de imaginação e reflexão.

O contato com narrativas diversas também contribui para o fortalecimento da tolerância e do respeito às diferenças. As histórias revelam modos de vida, culturas e valores distintos, promovendo uma educação para a alteridade e para a convivência ética. Dessa forma, a literatura cumpre não apenas uma função estética, mas também social, formando leitores críticos, sensíveis e conscientes de seu papel na sociedade.

Ao promover o encontro entre emoção, imaginação e reflexão, a literatura infantojuvenil torna-se um instrumento de formação integral do ser humano. Ela desperta a capacidade de sonhar, de compreender o outro e de elaborar a própria experiência. Como afirma Candido (1995), a literatura humaniza porque nos faz reconhecer nossa condição comum de humanidade. Assim, a leitura, especialmente na infância, não apenas educa o intelecto, mas também molda o coração, ampliando a sensibilidade, o senso ético e o entendimento do mundo.

Ao relacionar o desenvolvimento infantil e as competências socioemocionais com o papel da literatura infantojuvenil, evidencia-se que ambos os campos convergem na formação integral da criança. O desenvolvimento das habilidades emocionais, cognitivas e sociais encontra



na literatura um espaço privilegiado de expressão e ampliação dessas dimensões, pois as narrativas possibilitam à criança reconhecer e simbolizar suas experiências, compreendendo o mundo de maneira sensível e reflexiva. As histórias infantis, ao promoverem a imaginação, a empatia e a autorregulação emocional, reforçam as competências propostas pela BNCC, constituindo-se como instrumentos de mediação cultural e humanizadora. Assim, o encontro entre educação e literatura revela-se fundamental para a construção da subjetividade e para o desenvolvimento de sujeitos críticos, éticos e emocionalmente equilibrados, capazes de agir com sensibilidade e responsabilidade diante de si mesmos e da coletividade.

3. A Literatura Infantojuvenil e a BNCC: Alinhamentos e Possibilidades

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelece que a educação brasileira deve promover o desenvolvimento integral do estudante, articulando dimensões cognitivas, linguísticas, culturais, sociais e emocionais. Nesse contexto, a literatura infantojuvenil aparece como uma ferramenta privilegiada, pois oferece experiências capazes de estimular a sensibilidade, a reflexão, a imaginação e a interpretação do mundo, contribuindo significativamente para a formação humana. A BNCC compreende a leitura literária como prática cultural e formadora, não restrita ao ensino do código escrito, mas voltada à construção de sentidos, à ampliação de repertório e à formação crítica dos leitores.

A literatura possibilita que o estudante acesse universos simbólicos que dialogam com suas próprias vivências, emoções e relações. Candido (1995) destaca que a literatura possui função humanizadora, pois organiza impulsos, desperta a capacidade de reflexão e permite que o leitor vivencie



experiências que extrapolam seu cotidiano. Assim, ao ter contato com narrativas, as crianças começam a interpretar suas próprias emoções, exercitam a compreensão do outro e desenvolvem maior sensibilidade social.

Na Educação Infantil, a BNCC organiza os objetivos em campos de experiência, entre os quais se destaca “O eu, o outro e o nós”, diretamente ligado à formação socioemocional e à construção da identidade. A literatura contribui para essa finalidade ao permitir que as crianças explorem sentimentos como medo, alegria, saudade, coragem, frustração e superação dentro de uma estrutura narrativa rica e acessível. Coelho (2000) ressalta que a literatura infantil, além de entreter, educa emocionalmente, pois favorece a elaboração simbólica das vivências internas. Obras como “Chapeuzinho Amarelo”, de Chico Buarque, proporcionam reflexões sobre o medo e mostram à criança que a superação é possível. Da mesma forma, “O monstro das cores”, de Anna Llenas, apresenta emoções de forma visual e simples, auxiliando o leitor infantil a identificar, nomear e compreender sentimentos, favorecendo processos de autorregulação emocional.

Bruner (2001) reforça esse entendimento ao explicar que são as narrativas que constroem o modo como o ser humano organiza simbolicamente o mundo. Para o autor, é por meio das histórias que as crianças compreendem as relações humanas, interpretam conflitos e constroem explicações sobre o real. Dessa forma, práticas como contação de histórias, leitura compartilhada e recontos ajudam os estudantes a desenvolverem pensamento reflexivo, compreensão de si mesmos e habilidades interpretativas.

No Ensino Fundamental, a BNCC aprofunda o papel formativo da literatura ao propor que o percurso leitor do estudante seja contínuo e diversificado, envolvendo diferentes gêneros textuais, períodos literários, estilos de linguagem e vozes autorais. Ao vivenciar obras variadas, os alunos ampliam seus repertórios culturais e sua capacidade de interpretar os



múltiplos olhares que constituem a sociedade. A leitura literária, portanto, cumpre função que vai além da aprendizagem linguística, estimulando também a sensibilidade estética, a criatividade, a expressão e o exercício das competências socioemocionais previstas pela Base.

A mediação pedagógica é elemento essencial nesse processo. Vygotsky (2001) afirma que o desenvolvimento humano acontece nas interações sociais, e o aprendizado se aprofunda quando o professor atua como mediador ativo. No trabalho com literatura, isso significa criar momentos de diálogo, escuta e reflexão após as leituras, permitindo que os estudantes construam sentidos coletivamente. Estratégias como rodas de conversa, dramatizações, leitura dialógica, reinterpretação de personagens e criação de finais alternativos fortalecem o envolvimento afetivo e cognitivo das crianças com as obras, transformando a leitura em vivência significativa.

Pesquisas brasileiras reforçam essa perspectiva. Soares (2024), ao analisar obras da literatura infantil, identificou que muitas narrativas apresentam situações de empatia, cooperação e resolução de conflitos. O estudo conclui que, quando essas obras são selecionadas criticamente e articuladas a práticas pedagógicas intencionais, a literatura torna-se ferramenta concreta para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais compatíveis com os objetivos da BNCC, como respeito, convivência, autorregulação emocional e consciência do outro.

A convivência com textos literários também amplia a capacidade das crianças de lerem a si mesmas e ao mundo. Ao acompanhar personagens que enfrentam dilemas, tomam decisões, convivem com diferenças, vivem frustrações e constroem novas possibilidades, os estudantes passam a refletir sobre suas próprias experiências e sobre as relações humanas. Assim, obras clássicas e contemporâneas contribuem para o fortalecimento da identidade, da autonomia e da participação social, à medida que dialogam



com situações da realidade infantil e representam a diversidade de vozes e culturas que compõem a sociedade brasileira.

Dessa forma, o trabalho consistente com literatura infantojuvenil aproxima a prática escolar dos objetivos descritos na BNCC, promovendo formação integral, crítica e sensível. A leitura deixa de ser atividade pontual para ocupar lugar estruturante no currículo, favorecendo o desenvolvimento da linguagem, da imaginação, da expressão, da capacidade reflexiva e da convivência ética. Ao vivenciar histórias que apresentam o ser humano em sua complexidade, o estudante aprende não apenas a ler o texto, mas a ler o mundo, a si mesmo e o outro, desenvolvendo ferramentas necessárias para viver e conviver em sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões realizadas neste artigo permitem observar que a literatura infantojuvenil se consolida como um recurso pedagógico indispensável para a formação integral defendida pela BNCC. Mais do que um instrumento de alfabetização ou suporte para o ensino da língua, a literatura apresenta-se como uma experiência estética, sensível e simbólica que articula dimensões cognitivas, emocionais, sociais, éticas e culturais da formação humana. Ao vivenciar narrativas que apresentam conflitos, emoções, dilemas morais e possibilidades de enfrentamento, a criança exercita a capacidade de compreender a si mesma e ao outro, fortalecendo competências fundamentais para a vida em sociedade, como empatia, respeito, escuta, autorregulação e convivência.

Os autores estudados reforçam que a literatura promove um impacto que ultrapassa a esfera do aprendizado formal. Candido destaca sua função humanizadora, ao permitir que o leitor experimente o mundo sob diferentes perspectivas, ativando processos reflexivos e emocionais essenciais à constituição da subjetividade. Coelho aponta que a experiência literária tem



um papel significativo na elaboração emocional, ajudando a criança a lidar com seus sentimentos internos, como medo, insegurança, alegria e frustração. De forma complementar, Bruner e Vygotsky demonstram que o desenvolvimento do pensamento simbólico, da linguagem e da compreensão do mundo se fortalece quando a criança atribui significado às narrativas por meio do diálogo e da mediação pedagógica.

As pesquisas contemporâneas analisadas reforçam essa perspectiva. Mesquita (2021) e Soares (2024) demonstram que ações sistemáticas de leitura literária, quando planejadas com foco na construção de sentidos e na participação ativa das crianças, resultam em impactos positivos na convivência escolar, no engajamento, na maturidade emocional e no desenvolvimento de habilidades previstas nas Competências Gerais da BNCC. Estudos internacionais da CASEL também revelam que programas educacionais que incorporam narrativas como ferramenta pedagógica favorecem avanços consistentes no desenvolvimento socioemocional, indicando que a literatura pode funcionar como eixo estruturante de práticas escolares mais humanas e inclusivas.

No entanto, os desafios ainda são expressivos. Em muitas realidades escolares, o trabalho literário permanece restrito à interpretação de texto e ao cumprimento de rotinas avaliativas, o que limita seu potencial formativo. A ausência de mediação sensível e dialógica reduz a experiência literária ao aspecto instrumental, deixando de explorar sua capacidade de fomentar vínculos, promover expressão emocional e construir sentidos coletivamente. Para que a literatura alcance sua potência formativa, é indispensável que o docente assuma uma postura de mediador, promovendo espaços de conversa, reflexão, dramatização, criação de finais alternativos e ressignificação das experiências vividas pelas crianças.

Assim, conclui-se que a literatura infantojuvenil, quando integrada de forma planejada e consciente ao currículo escolar, não apenas se alinha às



orientações da BNCC, mas as concretiza em sua essência. A literatura promove a formação de sujeitos críticos, sensíveis, participantes e conscientes de seu papel na sociedade, ao mesmo tempo em que torna o processo educativo mais significativo e humanizador. Nesse sentido, defender a presença efetiva da literatura no cotidiano escolar significa defender uma educação que não se limita à transmissão de conteúdos, mas que reconhece a criança como sujeito pleno, capaz de sentir, pensar, interpretar e transformar o mundo. Trata-se, portanto, de reafirmar uma concepção de escola comprometida não apenas com o desempenho acadêmico, mas com a formação integral do indivíduo — perspectiva que coloca a literatura no centro de uma prática pedagógica mais sensível, ética e humanamente necessária.

Referências

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 12. ed. São Paulo: Scipione, 1991.

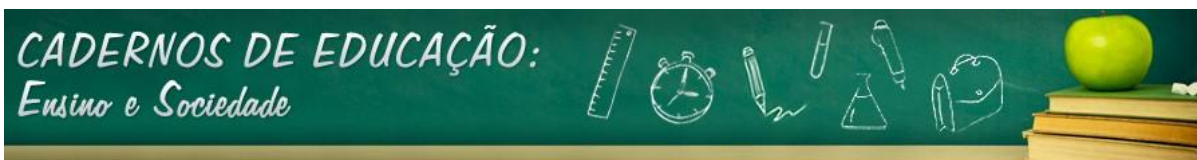
BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Brasília: MEC, 2017.

BRUNER, Jerome. **A cultura da educação**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise e didática**. São Paulo: Moderna, 2000.



CYRULNIK, Boris. **Os patinhos feios: a resiliência – uma infância infeliz não determina a vida**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

HOFFMAN, Martin. **Empathy and moral development: implications for caring and justice**. New York: Cambridge University Press, 2000.

LLENAS, Anna. **O monstro das cores**. São Paulo: Aletria, 2018.

MESQUITA, Claudiane Pires. **A literatura infantil como recurso de desenvolvimento socioemocional na Educação Infantil**. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Estadual do Piauí, Teresina, 2021.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. Rio de Janeiro: Forense, 1972.

PIAGET, Jean. **O julgamento moral na criança**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

SOARES, Ana Cláudia. **Literatura infantil e habilidades socioemocionais na BNCC: entre a teoria e a prática**. Revista Brasileira de Educação Literária, v. 10, n. 1, p. 122-145, 2024.

VYGOTSKY, Lev. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, Lev. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, Lev. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.